

Tem pagode lá na Baixa da Alegria

Além da vista bonita e do clima ameno e fresco, o Nordeste de Amalina tem outros atrativos de natureza "térmica". Quem define isso é o estudante André da Silva Mineiro, 17 anos, que nasceu e continua morando na Baixa da Alegria, um dos segmentos mais populosos do bairro, numa das baixas depois do fim de linha dos ônibus, vizinho do Alto da Alegria. Ele diz que "adora" morar ali porque tem muita distração e todos se conhecem, rolando um "calor humano" incomum nos dias de hoje.

Nas festas de São João, Natal e outras — conta —, a própria comunidade organiza brincadeira coletivas das quais todos participam, como uma grande família. "Gatinhas", para namorar também não faltam no pedaço, segundo ele, que não abre mão de aproveitar suas férias para jogar "babas" com os colegas de bairro, além de "aprontar" com a turma, sempre vestido apenas de calção, independente do tempo frio. Eles são os ídolos, dos meninos menores da vizinhança, que desde muito cedo aprendem também a participar da comunidade e pegam o jeito solto que caracteriza os "pagodeiros" natos da área.

Lá na Baixa da Alegria o pagode corre solto, principalmente na "quadra" do Samba Vila, um pequeno galpão onde um grupo guarda seus instrumentos, "treina" o som, e ainda "birita" à vontade, pois o local funciona também como barzinho. "Aqui todo mundo tem o samba no pé", diz o cobrador de ônibus José Carlos dos Santos, 32 anos, nascido e criado no bairro e membro efetivo do Samba Vila. Ele, assim como diversos outros vizinhos que se aglomeram para ver a entrevista, declara que não deixa o Nordeste de jeito nenhum, justificando que "a área é boa".

CLIMA PRIMITIVO

Quase todo dia o samba rola firme por ali e de vez em quando os 20 grupos de pagodeiros do trecho se reúnem para os "festivais", com troféus e medalhas para os melhores, como informou José Carlos. "É difícil alugar uma casa por aqui", disse, ressaltando que "quem vem morar fica para sempre". Pode ser exagero mas o charmedo bairro parece contagiar, fazendo com que os moradores, acima de todos os problemas, curtam morar e viver no Nordeste, que ainda guarda um clima primitivo e provin-

ciano, onde todo mundo sabe da vida do outro e, da intimidade geral, sacm tanto a solidariedade como rixas radicais.

A comerciante Maria Fraga, por exemplo, é uma "vítima" do encanto irresistível do bairro, onde morou com a família por 20 anos, antes de se mudar para a casa nova comprada pela mãe. Mas ela não abriu mão de manter sua "loja" (tipo armarinho) na Baixa da Alegria, onde passa o dia inteiro convivendo com a vizinhança de sempre. "Gosto daqui", justificou, lembrando que ali tem muitos amigos. Diz que, "fora a imundície, não tenho queixas", referindo-se ao verdadeiro depósito de lixo em que se transformou a ponta da rua, agravado pelo esgoto que corre a céu aberto, provocando mau cheiro e proliferação de ratos e insetos.

Essa questão, inclusive, está sendo motivo de revolta por parte dos moradores da área, dos quais um, o encarregado de pintura do Ministério da Aeronáutica, José Maria da Silva, 39 anos, casado, três filhos, pensa até em deixar o bairro, caso tenha oportunidade de conseguir casa em outro lugar.